



A ININTERRUPTA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DIANTE DO SISTEMA CAPITALISTA: AGUÇAR O SENSO CRÍTICO É RESISTIR AO PARADIGMA DOMINANTE.

Jefferson Oliveira de Paula ¹
Orientador: Clézio dos Santos. ²

INTRODUÇÃO.

Esse texto procura contextualizar algumas características do ensino tradicional presente nas escolas brasileiras que se julga ultrapassado, como considerar o aluno na condição subalterna de apenas ser um receptor de conhecimento, ante o professor que detém todo conhecimento. Nota-se que mesmo que os documentos oficiais reforcem o oposto dessa forma dita ultrapassada do sistema educacional, ainda vemos atitudes e ações que lembram essas práticas tradicionais.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a formação inicial no curso de licenciatura em Geografia a partir de leituras críticas do Mundo da Educação. Se fará a discussão sobre a condição do professor como uma das peças fundamentais para manter o modelo capitalista e sobre a condição vertical em que muitas das vezes determinados professores se colocam sobre os alunos.

Discutir-se-á a exploração que o sistema capitalista impõe a toda sociedade, perpassando pela moldagem educacional para servir o capital. É justificável perpassar essa temática que envolve a crítica ao modelo político dominante e implantado no sistema educacional, visto que, muitos estão cegos com relação às algemas e correntes que moldam a educação atual.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa é qualitativa e tem como base a leitura do referencial teórico de autores na área de Educação que contextualizam a relação do modelo educacional com o sistema econômico vigente.

¹ Jefferson Oliveira de Paula – Graduando pelo curso de geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, jeffersonoliveira37252@gmail.com;

² Professor orientador: Clézio dos Santos - Prof. Dr. Associado em Ensino de Geografia, Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, cleziogeo@yahoo.com.br



VIII ENALIC

EDIÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VI SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Com o método de analisar as ideias de vários autores através dos seus escritos, chegou-se ao conclusivo resultado que todos os professores e alunos estão sendo moldados para servir a grande máquina capitalista e que uma das diversas maneiras de resistir a isso é desenvolver o senso crítico dos discentes e dos docentes. Ou seja, os professores terão uma infindável batalha contra o sistema dominante que vigora na presente contemporaneidade.

Baseando-se principalmente nos conhecimentos aprendidos ao longo da formação, essa pesquisa foi desenvolvida com base em autores importantes em relação à temática abordada, destacando Demo (2004), Brandão (2005) e Kimura (2010) que ajudam a compreender melhor a área da educação referente a formação do professor e do aluno; e Haesbaert; Porto-Gonçalves (2006), Furtado (1996) e Marx; Engels (2006), que serão usados para discutir a questão do sistema econômico. As referências bibliográficas foram consultadas exclusivamente em formato impresso, tendo-se o método de analisar minuciosamente a obra completa de cada autor, para que não houvesse risco de pegar ideias isoladas do que os autores realmente buscavam transparecer.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com (DEMO, 2004, p. 131) o estudante não deve ser um discípulo que apenas ouve o professor em sala de aula, pelo contrário, precisa ser aquele que também fala e expõe suas ideias e conhecimentos. Sendo assim, é de suma importância combater o ensino tradicional que o autor citado, deixa entender, até porque esse paradigma arcaico de ensino, mostra uma posição de pirâmide, no qual, o professor está no topo e o aprendente se localiza na base; esse método visa passar claramente a mensagem de que o professor está numa posição verticalizada sobre o educando, ou seja, o professor é gerador de todo conhecimento, restando ao aluno apenas captar o que está sendo expelido.

O professor que castra oralmente os seus aprendizes está condenado a ter sempre o seu solitário saber, não abrindo portas para que seus educandos, também o eduque com suas múltiplas e variadas culturas, além dos seus diversificados saberes:

“Educação deve fundamentar a capacidade de produzir e participar, não se restringir ao discípulo, que ouve, toma nota, faz prova, copia, sobretudo “cola”.” (DEMO, 2004, p. 131). Aceitando ou não, os professores estão inseridos em um modelo econômico, político, social e militar, que vigora hegemonicamente em todo o globo; o Brasil não foge disso, pois o mesmo é claramente caracterizado por qualquer um, pela sua condição subalterna no sistema capitalista contemporâneo. O Brasil encontra-se na constelação das “economias periféricas”, como deixa implícito (FURTADO, 1996, p. 79).



Em uma panela de sopa, onde os educadores estão inseridos como substâncias essenciais, com cada tipo de legume servindo para dar um aroma e sabor diferente na sopa, cada um tem a sua função; no final todos são importantes para que uma sopa seja feita com sucesso. Quando por descuido ou acidente se coloca uma cebola estragada, a síntese final, ou seja, o gosto da sopa será um completo fracasso. Isso porque cada legume precisa estar com o seu gosto inalterado para surtir o efeito esperado. Cada elemento vegetal é um tipo de profissão, todas as profissões ajudam a engrenagem capitalista a se manter; os trabalhadores são o motor e ao mesmo tempo o combustível do capitalismo nacional brasileiro. Como diz (MARX; ENGELS 2006, p. 99): “Ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção.” O cozinheiro que está fazendo a sopa seria o sistema capitalista; a panela, o fogão, o fogo, o gás, a colher e a faca, seriam os recursos utilizados pelo grande capital para a exploração e pode até ser algumas profissões estratégicas e de extrema importância para a exploração; os legumes são todas as profissões necessárias para manter o sistema, incluindo a profissão docente; a sopa pronta é o resultado, é o objetivo, a síntese ou a mais-valia, que é extraída da classe trabalhadora, a cebola estragada é todo aquele que é contrário ao sistema capitalista, que a partir do momento que critica e luta contra o sistema, torna-se um espinho no pé ou um fel adicionado na sopa.

Como professores, podemos ocupar apenas o espaço de ser um dos legumes da sopa, mas é indubitável que de uma forma ou de outra estamos servindo direta ou indiretamente ao grande capital, talvez se esteja servindo quem nos constituiu professor como diz:

No entanto, pensando às vezes que age por si próprio, livre e em nome de todos, o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina mas, na verdade, ele pode estar servindo a quem o constituiu professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os usos escusos que ocultam também na educação – nas suas agências, suas práticas e nas ideias que ela professa – interesses políticos impostos sobre ela e, através de seu exercício, à sociedade que habita. (BRANDÃO, 2005, p. 11-12).

Estando numa sociedade capitalista, fomos moldados pelo sistema voraz e opressor vigente. Outrora, nos “formamos” professores para servir e passar as informações que o sistema dita, e não para ensinar livremente aquilo que nos apraz ou aquilo que o discente necessita aprender; foi para isso que nos moldaram, para sermos peças constituintes da grande máquina capitalista, para sermos uma peça do grande quebra-cabeça. Os professores foram construídos enviesadamente para serem serventes de uma grande obra, a obra da exploração que gera o lucro do trabalhador que consegue tirar água da pedra.

Nem tudo está perdido, não somos pobres, cegos e inocentes diante do grande imperador capitalista. Pode-se lutar contra a configuração atual, a partir do momento que se aguça o senso



crítico nos estudantes. Passar meros dados e informações só vai reforçar o querer da matriz nacional; por isso, a importância de ensinar a criticar à conjuntura vigente:

O centro da pesquisa é a arte de questionar de modo crítico e criativo, para, assim, melhor intervir na realidade. Por isso, é princípio educativo também. Como tal, constitui-se na mola mestra do aprender a aprender. Em vez de decorar, saber pensar. Não se restringe à acumulação mecânica de pedaços de conhecimento, que permitem transitar receptivamente no cotidiano, mas gera a ambiência dinâmica do sujeito capaz de participar e produzir, de ver o todo e deduzir logicamente, de planejar e intervir. (DEMO, 2004, p. 99).

Como foi lido anteriormente, “questionar de modo crítico e criativo” é “melhor” para “intervir na realidade”. Essa intervenção que só é alcançada pela criticidade é uma das melhores maneiras de ser contrário e beneficentemente rebelde contra as Elites do capital. Com certeza, não é do interesse do capitalismo que os trabalhadores sejam críticos, porque a partir do momento que eles se dão conta da exploração em que estão inseridos, eles instintivamente se revolucionam; (MARX; ENGELS, 2006, p. 120) diz que os “proletários não têm a perder com ela, a não ser suas cadeias.”

Seguindo a lógica de (BRANDÃO, 2005, p. 12) “...a mesma educação que ensina pode deseducar...” Quando os alunos chegam nas escolas são obrigados a abandonar suas diversas culturas, em nome de uma padronização desejada pelo capital, ou seja, muitos acabam desaprendendo seus saberes tradicionais, sendo deseducados e ao mesmo tempo “educados” para servir a plutocracia.

As tecnologias são cada vez mais avançadas, com isso, a parte do magistério que se utiliza para repassar listagens intermináveis de rios, plantas, animais, palavras entre tantas outras categorias, ficarão para trás, diante dos tempos do presente século de acordo com (DEMO, 2004, p. 155).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresenta-se algumas ideias que foram acompanhadas no campo formativo no curso de licenciatura em Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ).

Para Lacoste (1998, p. 27) “A escolha dos locais que era preciso bombardear resulta de um raciocínio geográfico, comportando vários níveis de análise espacial.” Ou seja, não se pode jogar bomba em qualquer lugar, porque se assim for feito, gastará uma enorme quantidade de munição, desnecessária, além de possivelmente perder a guerra, não tendo bombas para combater diretamente o verdadeiro adversário.

Trazendo para a educação, não criticar o sistema capitalista é o mesmo que jogar bombas nas montanhas, onde as infraestruturas do exército rival não estão; além de gastar bombas, não



causará estrago no opositor. Deixar de usar nossa capacidade de criar conhecimentos e fazer cidadãos críticos para meramente passar informações e dados, é suicidar-se intelectualmente, além de continuar acorrentado/ algemado pelo sistema dominante.

De acordo com (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006, P. 25-26) o capitalismo tem uma lógica de guerra, até porque ele sempre esteve inserido em guerras; mas isso não quer dizer que ele seja invencível. Os educadores serão, enquanto a ardem contemporânea continuar vigorando, eternamente soldados em um campo de batalha que parece infundável.

“O sistema capitalista é uma forma de organização social e econômica relativamente nova na história da humanidade, mas que com frequência se encontra em crise”. (SILVA et. al., 2016, p. 261). A missão dos prelores educacionais é a de intensificar essa crise, para que o incompetente capital seja desvelado de maneira a despir suas roupas e mostrar suas vergonhas, que já são mais do que visíveis para alguns.

Os professores que se formaram para respeitar a diversidade da sala de aula e para criar vários métodos de criar o conhecimento, são bem-aventurados no esclarecimento da “realidade objetiva”:

Vários procedimentos didáticos, como painéis de debate, grupo de verbalização/ grupo de observação, textos, filmes diversos, aulas expositivas, são instrumentos práticos colocados à disposição dos alunos, constituindo-se em instrumentos teóricos esclarecedores da realidade objetiva. Kimura (2010, p. 155).

Como mostrou o autor abordado, a diversidade ajuda esclarecer o que está posto; nem todos são iguais da maneira como o sistema desejaria que fossem, por isso, respeitar as diferenças e inovar na questão de variar os métodos na construção do conhecimento, também é uma forma de não aceitar, além de resistir ao que está ditado pelas forças hegemônicas.

O professor não se forma uma única vez, mas destacamos que sua formação inicial é fundamental para ver o mundo com um olhar mais crítico. Sua formação é para a vida inteira; somos eternos formandos no maior curso que é a nossa vida. Sejamos cebolas estragadas dentro dessa sopa que gera lucro ao capital!

Os professores estão em uma constante e interminável formação que dura ao longo de todas as suas vidas e não apenas em uma licenciatura de 4 anos.

Usar e aguçar o senso crítico dos estudantes é uma ferramenta para resistir e lutar contra o sistema capitalista hegemônico.

O docente que não auxiliar a produção do conhecimento a partir do diálogo com o discente, está condenado a ser conhecedor apenas do seu auto saber, além de não ter entendido o que realmente é escola, ou seja, o lugar onde se manifesta a diversidade.



Quando somos críticos nos tornamos verdadeiras cebolas estragadas dentro de uma sopa ou nos tornamos um espinho no pé do capital, ou seja, somos uma resistência dolorosa ao sistema dominante. Assim como não se deve lançar bombas em montanhas, porque irá gastar munição em uma guerra contra o inimigo, devemos focar nossas armas na raiz dos problemas para não sermos complacentes com o paradigma atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indubitável que o aluno não é o depósito de conhecimento do professor; cada um dos aprendentes é também produtor de conhecimentos necessárias à prática educativa.

Os professores são fundamentais para a efetivação de modelos hegemônico de mundo, portanto, também são essenciais para reproduzir a ordem existente, porque é através deles que são moldadas as futuras gerações, sendo assim, o destino de uma nação inteira é fortemente influenciada pelos docentes, se eles se calarem diante do sistema, a dominação exploratória continuará se perpetuando; caso eles se alistem para essa guerra, terão um longo caminho que pode se iniciar pela resistência. A formação dos professores é continuada, ou seja, ela não termina em um período predeterminado, mas sim, ao longo de todo percurso de suas vidas.

Palavras-chave: Sistema Capitalista, Educação, Escola, Hegemonia e Aluno.

REFERÊNCIAS

- DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. 13^o edição. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 2004.
- FURTADO, C. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HAESBAERT, R; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico: Questões e Propostas**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LACOSTE, Y. **A geografia** – isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra. 15^o ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
- MARX, K. H; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 10 ed. rev. - São Paulo: Global, 2006.
- SILVA, A. et. al. **Sociologia em movimento**. 2^o ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.